



DIA DE ANIVERSÁRIO

Conto premiado especial

maio de 1955

O dia estava quente. De cima do muro vi minha mãe chegar, linda, num vestido verde de tafetá. As árvores do nosso quintal se misturavam ao seu vestido, e, de seus cabelos, os caracóis negros soltavam e comungavam em total alegria com o sorriso de batom, o mais vermelho que me lembro. Nessa hora, a natureza e minha mãe são exatamente a mesma pessoa.

Da sala, meu filho grita por mim e eu penso nos trinta e três anos de minha mãe. Ela era feliz, eu me lembro. Falava que tinha a idade de Cristo e, não sei, parece que essas palavras faziam-me, ao olhar para ela, ver alguma coisa de divindade.

Deito para dormir, quero ler até morrer de sono. No quarto fechado me sinto menina querendo chamar meu pai e, nesse quarto, andam pra cima e pra baixo os filhos que não deixei nascer. Chamam por mim e eu, eu, quero tocá-los... Queria... Queria-os todos agora, perto de mim, não sei se louros, morenas, olhos castanhos ou azuis... meninas ou meninos.

Eles falam comigo e eu, não, eu não tenho e nem quero tocá-los, nem voltar no tempo pra saber o que eu faria se fosse agora. No meu quarto fechado, eu convivo com eles e com meu pai como se tudo não passasse mesmo de uma coisa só. Esse momento agora que nem sei direito, mas chamo meu pai bem alto e sei que não me escuta, mas é só pra falar "papai" que me é tão doce.

Sinto-me à beira da cama e vejo que tudo não passa também de um jogo de números: trinta, trinta e três, quatorze, o que importa? Importam meus filhos e a minha solidão — ser órfã de pai e ter feito quatro ou cinco filhos órfãos de mãe.

abril de 1983

fevereiro 1959



Original de Marília Barbosa

1959

sorriso lindo, agora sem batom, enfeita seu rosto.

Olho sem querer para o relógio digital e vejo que são os primeiros quatorze minutos do meu aniversário e não sinto a menor vontade de dormir.

Passsei o meu aniversário observando, triste, amargurada.

Todos comemoravam, e eu, parada, sem noção do tempo, pois há muito tempo ele não fazia sentido.

Decidi então nunca mais fazer aniversário. Não quero mais parar vinte e quatro horas para repassar a vida. Decidi também voltar a morar na casa de minha mãe. Nós temos, agora, mútua cumplicidade.

Meu filho fez vinte e um anos. Nessa idade, eu corria feliz com o meu amor pelas ruas de São Paulo e levava o meu menino na barriga e tinha o coração mais em festa que jamais tive. Ele agora não mora mais conosco e mamãe reencontrou o amor na idade da plena sabedoria. Mamãe já não mora comigo. Ela e seu companheiro dividem seu tempo entre o Rio de Janeiro e estações de águas.

Fico feliz sentada entre minhas velhas almofadas, pois aqui leio as cartas que toda semana meu filho me escreve: Meu filho, te amo. Já tenho dois netos.

Hoje é dia do meu aniversário, todos virão aqui para estar comigo. Meus ex-maridos, suas novas esposas, meu filho, sua mulher e meus netos, mamãe... papai... Papai traga meus filhos, hoje eu posso vê-los. Enfermeira, por favor, abra a porta pro meu pai e os meus filhos, não, dê um jeito em meus cabelos eu quero estar bonita...

— É o meu primeiro aniversário depois de tanto tempo.

setembro 1993

abril 1997

1955 - maio

Desci do muro e fomos almoçar. Nesse dia comemorávamos a formatura de mamãe, e ela, radiante e orgulhosa, não sabe que o futuro lhe reserva a viuvez mais triste que já vi.

Papai, sorridente e feliz, distribuiu limonada, faz muito calor. Mamãe serve o almoço e eu disputo um pedaço de galinha com o meu irmão.

Novamente no muro vejo mamãe e papai chegarem num carro preto alugado — ah, como era chic alugar um carro em ocasiões como essa! Ela traz nos braços um neném da cor do seu vestido cor-de-rosa. O mesmo